

JOSÉ RUBIÃO

RUBIÃO JUNIOR

Separata da
Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo
VOLUME LXXI

SÃO PAULO

1974

RUBIÃO JUNIOR

José Rubião

RUBIÃO JUNIOR nasceu na cidade de Mangaratiba, aos 14 de junho de 1851 e faleceu em São Paulo, aos 18 de outubro de 1915. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1872, e foi nomeado promotor público da comarca de Pirai e removido para a de Barra Mansa, onde exerceu esse cargo até 1878. Casando-se com dona Guilhermina de Almeida Vallim, passou a residir na cidade de Bananal, onde abriu escritório de advocacia ao mesmo tempo em que se tornava lavrador. Consagrou-se ao serviço dessa comarca, angariando a confiança de seus habitantes e formando por essa ocasião uma companhia que realizou a construção da estrada de Ferro Bananalense, notável melhoramento que ligou essa cidade, por intermédio da Estrada de Ferro Central do Brasil à Capital Federal e à Capital do Estado de São Paulo.

Filiado ao Partido Conservador, foi eleito deputado provincial por São Paulo em 1878, já o havendo sido pela antiga província do Rio de Janeiro no biênio de 1874 a 75. Foi também, ao passar a residir em São Paulo, escolhido para secretário da União Conservadora e redigiu o "Correio Paulistano" órgão do Partido, lugar esse que ocupou até 15 de novembro de 1889.

Aderindo à nova forma de governo, foi escolhido pelo Presidente Dr. Prudente de Moraes para fazer parte da 1.ª Intendência Municipal da Capital. Eleito deputado à Primeira Constituinte da República, representou o Estado de São Paulo. Fez parte posteriormente, do governo estadual na administração de Bernardino de Campos, no cargo de secretário dos Negócios da Fazenda.

Foi deputado por muitos anos e líder na Câmara Estadual, exercendo também sua Presidência em várias legislaturas. Eleito Senador, exerceu a Presidência em substituição ao Conselheiro DUARTE DE AZEVEDO, cargo esse ocupado até sua morte, quando seu nome ia ser lançado pelo partido Republicano Paulista para sucessor do DR. RODRIGUES ALVES no Governo do Estado.

Foi também Diretor do Banco do Comércio e Indústria de São Paulo e da Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

O ECONOMISTA

Foi sempre um apaixonado dos estudos de Economia Política, conseguindo bases sólidas que muito o ajudaram na solução dos problemas brasileiros. Viveu na época em que predominava o liberalismo econômico. Não obstante, foi eclético, retirando de cada escola o que lhe aproveitasse no momento, pois, considerava residir nessas escolas princípios aproveitáveis e ser a economia pura muito diversa da economia aplicada. O que mais caracterizou sua individualidade de economista foi o poder intuitivo de prever as crises e abrandá-las com soluções adequadas. Quando ainda não se discutia no Brasil a necessidade da elasticidade do meio circulante tendo em vista a produção e o giro normal do comércio, ele, antecipando outros economistas colocados em situação diversa de meio, pedia para São Paulo e apresentava argumentos ponderáveis para atender à produção cafeeira, seu comércio e sobretudo a situação cambial do Brasil. Assim é que, em 1905, diante da superprodução de café que ameaçava a economia e as finanças brasileiras, mostrava ao Governo da União a necessidade de não operar uma deflação em São Paulo, pelo envio dos impostos arrecadados.

Nessa época, toda a economia paulista era financiada pelos Bancos locais e esses eram afetados pelas remessas de numerários para a Capital do País.

Nesse sentido, e zeloso também pela situação cambial, recebeu do Presidente do então Banco da República do Brasil, Dr. Custódio José Coelho de Almeida a seguinte carta:

Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1905
Amigo Dr. Rubião Junior

Recebi as suas estimadas cartas de 2 e 6 do corrente e peço-lhe mil desculpas pela demora na resposta.

Ninguém prestou atenção aos boatos levantados contra o crédito de vosso Banco, que há de esmagar os caluniadores.

Tive imperiosa necessidade de recuar as taxas de câmbio por causa das enormes liquidações dos meses de outubro e novembro, que vão coincidir com as grandes somas de papél moeda a distribuir-se nesse mercado até dezembro próximo; e provenientes dos pagamentos das inscrições, credores da E. F. Sorocabana, resgate de apólices de 6% de 1897 e juros de apólices em Janeiro. Pude resistir na taxa de 16, que considero conquistada e vejo a posição melhor apesar de que as liquidações não estão todas feitas.

Remeti três mil contos para Santos e o Sr. Ministro da Fazenda mandou ordem ao inspetor da Alfândega para não dar publi-

cidade; tanto mais que se trata de negócio do Banco da República com o vosso Banco.

Tudo que fôr necessário para impedir qualquer contrariedade do Banco do Comércio e Indústria, será imediatamente por mim cumprido.

Pode, pois, contar com o meu fraco apoio no sentido de obstar que o vosso Banco sofra a mais leve dificuldade.

E aqui fica o amigo

aff.oso e coll.a ob.o

(a) CUSTODIO COELHO

P.S. Escrevo-lhe às pressas e debaixo de enormes ofertas de letras prontas a 16 11/8 e 16 5/32. Cambio Firme”.

Em 1905 a situação do café agravara-se e as necessidades do meio circulante paulista se tornavam ainda mais prementes. O Convênio de Taubaté, aprovado em Agosto e só mais tarde posto em execução, mostra a gravidade do momento.

Dirigiu-se ainda aos poderes superiores da República tendo bôa acolhida os argumentos apresentados, como se vê na seguinte carta

“Capital Federal, 30 de maio de 1906”

Amigo Dr. Rubião Junior

Peço-lhe desculpas pela falta em responder a sua carta escrita antes de sua partida para Poços de Caldas.

Nada consegui aqui por estar muito apertado o mercado monetário, embora se tratasse de títulos de renda de primeira ordem, como são as apólices do Estado de São Paulo.

Logo que recebi a sua carta de 29, mandei entregar os 300:000\$000 aos Srs. Souza Filho.

Apesar da situação difícil da praça do Rio, estou esforçando-me no sentido de não retirar dai os saldos que possuímos.

Tenho antecipado um pouco a safra de café e ainda assim receio não poder dominar o câmbio nessa época, por isso que o mercado do Rio e os de São Paulo e Santos estão muito comprados.

Só o nosso Banco tem vendido a entregar junho e julho soma superior a £ 1.800.000.

Espero com o produto dêsses saques moderar as ofertas de letras de café na força da safra.

E quantas injustiças formuladas contra mim e o nosso bom amigo Presidente?

Disponha do amigo

aff.oso.

(a) CUSTODIO COELHO”

O C A F É

Para Rubião Junior o café representava o equilíbrio do Brasil. País novo e no qual não existia ainda economias acumuladas. Não poderia sobreviver, isto é, progredir, se não tivesse todos os anos saldos no balanço de comércio, isto é, exportação e importação. Saldo êsse que representava condição indispensável, para fazer face ao serviço regular dos pagamentos ao estrangeiro. Para êle, do saldo dá exportação sôbre a importação, no qual o café representava 75%, era a mola mestra, a garantia da moeda, a massa de manobra da taxa cambial. O câmbio do Brasil era o café. Era ele que permitia pagar ao estrangeiro tudo o que a indústria nacional não produzisse e fazer face ao serviço da dívida externa e a importação necessária ao progresso do país. Afetar a exportação do café e seu valor, afetado estava o Brasil, profundamente atingido. Para ele a crise do café não era questão particular dos Estados cafeeiros; interessava o futuro da União, isto é, de todo o Brasil.

O BANQUEIRO

Ser banqueiro foi sua paixão e ter concorrido para a organização e o desenvolvimento do Banco do Comércio e Indústria de São Paulo, a sua gloria. Orgulhava-se de pertencer à equipe que dotou nosso Estado de um grande Instituto de crédito, o qual exerceu até sua morte a função controladora da economia paulista e o depositário e aplicador das disponibilidades da União no Estado de São Paulo.

Foi um banqueiro na expressão da palavra. Sabia prever as situações e tomar as medidas adequadas, medidas essas, sempre aceitas e postas imediatamente em execução pelos governos da República, que depositavam nêle grande confiança.

Como banqueiro sabia receber a clientela, prestar atenção ao que solicitavam, aconselhando soluções muitas vezes diversas e realizando negócios com as devidas cautelas e garantias, e, mesmo negando, conquistar um propagandista. Era respeitado e que rido pelos funcionários e colaboradores, pois, para todos tinha sempre um sorriso e uma bôa palavra. Esmerava-se em adivinhar as necessidades e solucionar os casos dos que com êle trabalhavam. Conhecia o movimento de tôdas as carteiras às quais visitava todos os dias, trocando idéias com os respectivos chefes.

O ESTADISTA

Homem de Estado, punha a solução dos problemas sempre no terreno da Justiça e do interêsse da coletividade. As medidas sugeridas nunca tinham em vista beneficiar alguns, mas, sim, o

progresso e o engrandecimento de sua Pátria. Foi um paulista na defesa do Estado, mas sempre ligando o que resolvia com a harmonia econômica ou política do Brasil. Sua grande força repousava no seu espírito de Justiça. A qualidade mais importante para um homem que ocupa alta posição na administração do Estado, ensina Taylor, “é saber servir-se dos outros, pois o que ele faz, por intervenção alheia, deve sempre exceder grandemente ao que a atividade direta e individual de uma só pessoa pode conseguir por si mesma”.

Rubião Junior raramente ou quasi nunca aparecia, e, pode dizer-se com segurança que, no cenário político do Brasil, atuou encaminhando e dirigindo os passos daqueles que governaram. *Foi o ponto do cenário brasileiro*. Daí a dificuldade em encontrar os traços marcantes de sua passagem. Sempre colocou outros nos lugares d edestaque e se conservou na penumbra, para melhor agir. *Em São Paulo e na Capital, durante o período de sua atuação todos os atos e leis principais receberam sua colaboração*. Atuou nas reformas de instrução pública, à qual ligava importância primordial para o futuro de nossa terra, nas organizações da Justiça e na organização econômico-financeira, que foi sua predileção.

Ao deflagrar a guerra de 1.914, o pânico e a confusão estabeleceram-se.

Em sua residência, à rua Conselheiro Nébias, afluiram os Diretores dos Bancos de São Paulo, pedindo que interviesse junto aos poderes competentes, pedindo amparo ao desmoronamento iminente.

Rubião Junior recebeu-os e, acalmando-os, mostrou as providências que solicitara: *Feriado excepcional* — que mereceu o decreto 11.036, de 3 de agosto de 1914. Apresentando ainda a consideração dos visitantes as seguintes medidas que iria pessoalmente pleitear no Rio de Janeiro; — *Moratória Geral* — decretada em 15 de agosto de 1.914 e *Emissão de Papel Moeda* — (Dec. n.º 2863 de 24 de agosto de 1.914).

A dificuldade encontrada na Capital da República pelos elementos contrários à emissão foi dura, pois a corrente anti-emissionista era ponderável. Os argumentos, porém, apresentados fora de tal ordem e a colaboração e o prestígio de Pinheiro Machado concorreram para a adoção dessa medida salvadora.

O argumento que impressionava era o da afetação da taxa cambial pela emissão de papel moeda. Nessa época, vivendo o mundo uma situação de equilíbrio econômico baseado na Libra (moeda internacional), em Londres centro cambiário do mundo e praça das arbitragens e dos “clearings”, o valor das moedas era aferido pela cotação que lhes ditava essa praça. Não compreendiam os economistas que se opunham à emissão a mudan-

ça profunda que a guerra acarretaria. Rubião Junior, que era dotado de uma faculdade excepcional de enxergar os fatos antes, às vezes de se apresentarem, compreendeu o que acontecera, e apresentou para o Brasil uma solução adequada.

Seus argumentos venceram. Sustentou os seguintes pontos: 1.) — A circulação monetária do Brasil fôra afetada com a retirada do meio circulante das notas da Caixa de Conversão, na importância de 176.000:000\$000; 2.º) — que a taxa cambial do Brasil só podia depender de duas coisas — da produção exportável e da situação das finanças —, isto é, dos órcamentos; 3.º) — que, dada a situação, o Tesouro Nacional não podia suspender seus pagamentos; 4.º) — que os Bancos não poderiam ir à falência e 5.º) — que, havendo sido retirada aquela importância a que reduziu o meio circulante a 600.000:000\$000 e sendo autorizada a emissão de 250.000.000\$000 o meio circulante brasileiro (*dada a situação de anormalidade*) *achava-se ainda insuficiente e não era possível um navio navegar sem água.*

Disse mais que todos os países teriam de emitir e que o Brasil deveria tomar suas providências a fim de evitar um cataclismo.

A emissão foi feita, empregando-se 150.000:000\$000 para ocorrer à solução de compromisso do Tesouro por despesas legalmente autorizadas e registradas e até 100.000:000\$000 para empréstimos a Bancos sob garantias especificadas.

Inaugurou Rubião Junior a mobilização do ativo bancário por meio de uma operação de empréstimos, o que hoje se faz pelo desconto.

Comentando êsse fato, Affonso Bandeira de Mello ao traçar o perfil dêsse homem público, assim se exprime:

“Os banqueiros estrangeiros de São Paulo, louvando as sábias e prudentes medidas financeiras que Rubião Junior sugerira logo após ao pânico trazido ao mercado paulista pela conflagração européia, afirmaram que tão extraordinária mentalidade política mereceria em vida um monumento como testemunho de reconhecimento pelos serviços inestimáveis que sua velha experiência de financeiro e sua segura capacidade de financista haviam prestado aos supremos interesses da praça, naquelas difíceis conjunturas”.

O FINANCISTA

Rubião Junior consagrou-se financista no Governo do preclaro Republicano Dr. Bennardino de Campos — Deputado à 1.ª Constituinte da República foi escolhido pelo seu partido para fazer parte do Governo no cargo de Secretário dos Negócios da Fazenda, Governo êsse considerado padrão, isto porque, assentando as ba-

ses da instrução pública (Reforma Cesário Mota), da Saúde Pública, água e esgoto da Capital, saneamento de Santos, Campinas e outros lugares, hospital de isolamento e desinfectório e outras organizações e da Viação, *deixou ainda saldo orçamentário apreciável.*

É interessante seu relatório de 2 de abril de 1895, apresentado ao Dr. Bernardino de Campos, Presidente do Estado.

"Não obstante as apreensões causadas pela escassês da renda do 1.º semestre do ano de 1.894, pelo saldo quasi nulo da safra de café do ano anterior a exportar naquele período a despeito do retraimento que ao movimento comercial trouxe a lamentável agitação política, doloroso fruto da revolta armada que ainda perdurou por largos meses, ainda assim a vitalidade econômica do Estado permitiu que o exercício financeiro se liquidasse satisfazendo pontualmente todos os compromissos das despesas sem gravar de forma alguma o crédito público, legando pelo contrário, *saldo disponível ao exercício corrente.*

Para êsse resultado, cumpre com desvanecimento notar, concorreu única e exclusivamente o considerável aumento da renda pública no 2.º semestre do exercício, sem o auxilio da menos pouzada econômica ou qualquer redução nos diferentes ramos do serviço público que continuaram com a maior regularidade e sem a mínima interrupção, de acôrdo com as necessidades reconhecidas, agravadas, embora, as despesas de caráter extraordinário, com os auxílios que ainda se tornaram necessários ao govêrno federal, em fiel observância da lei n.º 120 de 1.º de março de 1.893".

Na Câmara Estadual fêz parte da comissão de Finanças e foi assessor do Govêrno Paulista.

O POLÍTICO

Educou-se na Escola do Partido Conservador, do qual fazia parte seu pai o Comendador João Alvares Rubião, chefe político de Mangaratiba. Conservador, foi na Monarquia e na República, pois mostrava sempre por atos que o verdadeiro conservador é aquele que evolue e resolve os problemas que se apresentam e não os aferrados ao sebastianismo. Aprendeu também a coerência política e o valôr de suas promessas. *Compreendeu que a força do político reside na Justiça e no servir aos outros.* Nêsse setor, pode-se afirmar que tôda sua vida foi consagrada a empreendimentos norteados pelo ideal de servir.

Rubião Junior (escreve Bandeira de Mello) jamais se conservou surdo ao apêlo daqueles que solicitavam sua proteção política. Sempre solícito em servir, sempre pressuroso em ser útil, fazia diariamente a felicidade de dezenas de pessoas na satisfação de suas legítimas pretensões. Jamais patrocinara preferências iní-

quas e atentatórias de direitos de terceiros. Sempre que se depa-
raram com pessoas honestas e com aptidões pouco vulgares
Rubião Junior tomava-as espontâneamente sob sua proteção.

É nessa inexaurível prestimosidade que residia exatamente to-
do o segredo de seu imenso prestígio eleitoral.

No auge do poder, nunca se deixou desvairar pelo delírio de
grandeza”.

Era tão modesto e simples que não percebia sequer seu raro
valôr, e jamais teve a ridícula fatuidade de se considerar superior
aos demais.

Rubião era incapaz de abandonar um correligionário na ad-
versidade política.

*Ele pertencia ao número daqueles velhos amigos, de que nos
falava Macaulay: que “nunca se apresentam com caras novas e
que são sempre os mesmos, na riqueza como na pobreza, na glo-
ria como na obscuridade”.*

Na política sempre procurava dar a seus companheiros lu-
gares de destaque. Mostra ainda, Bandeira de Mello, esta faceta
de seu perfil:

“Apesar de sua grande notoriedade de político e de sua brilhan-
te reputação de financeiro, Rubião Junior vivera e morrera inteira-
mente desconhecido do grande público e talvez mesmo de muitos
de seus caros amigos. Mesmo após a sua morte que dera lugar aos
mais tocantes panegíricos, o povo continuou a ignorar os grandes
traços da viril e enérgica personalidade do ilustre extinto, cuja
imensa perda poder-se-ia quase comparar a uma verdadeira ca-
lamidade nacional, por isso que Rubião Junior desaparecera jus-
tamente quando o País mais necessitava de sua grande sabedoria
de estadista e do seu vivo sentimento de patriôta.”

Como estamos lembrados, agitava-se então a melindrosa
questão da sucessão do Conselho Rodrigues Alves à Presidência
de São Paulo.

A solução desse grande problema se apresentava cheia de di-
ficuldades, não só quanto às precárias condições financeiras do
Estado, em consequência da tremenda crise por que atravessava
o País, mas ainda devido às sombrias perspectivas que entrevia-
mos na conflagração da Europa, de onde se esperava exatamen-
te remédio para os males nacionais. Pensavam com razão os
“leaders” da política paulista que, em tão difíceis condições, seria
necessário que a escolha do novo Presidente recaísse precisamente
em um nome que, reunindo as virtudes de verdadeiro estadista,
fosse por isso mesmo capaz de conseguir a conciliação de todos os
agrupamentos políticos. Ora, além de ser um nome por todos os
títulos recomendável e perfeitamente a altura da situação, possuía
Rubião Junior as simpatias de tôdas as facções partidárias do Es-

tado, as quais constituíam, por seus representantes no seio da Comissão Central, a poderosa corporação denominada "Partido Republicano Paulista".

Esse prestígio pessoal de Rubião Junior junto a todos os partidos era sobretudo devido à perfeita correção partidária, que emprestava à suas atitudes uma só interpretação, de maneira que todos sabiam até onde podiam contar com sua solidariedade.

Seu nome constituía triunfo para todos os partidos e seu prestígio se mantinha em todos os governos.

Seu prestígio dentro do Partido Republicano Paulista e na política Federal foi incontrastável, como demonstra Dunshes de Abranches.

"Não contava a Comissão Diretora do Partido Republicano Paulista com membro mais influente nem mais respeitado. Sua palavra tinha, por assim dizer, força terminativa. Nenhum político paulista enfeixou, até hoje, nas mãos, tanto prestígio e autoridade pessoal. Essa autoridade repercutia na política federal do País, cujos diretores não prescindiam nunca dos conselhos avisados e prudentes do Rubião.

Esse prestígio não era fruto de circunstâncias imprevistas ou artificiais. Vinha argamassado, sólidamente, pelo tempo e por uma ação pessoal brilhante, eficaz e contínua."

O CHEFE DE FAMÍLIA

Para êle, o lar e a família eram a pedra angular da sociedade. Da sua sadia constituição dependia o futuro da pátria.

Chefe de família sabia manter o respeito ao lado da afabilidade e do carinho. Tratava seus filhos como seus amigos. Sua esposa foi grande elemento no sucesso de sua vida. Modesta, inteligente e dotada de um poder de atração respeitosa, sabia colocar-se e nunca perturbava a ação política e social de seu espôso. Foi uma grande diplomata e uma grande colaboradora.

Contraiu matrimônio na cidade de Bananal, e eis as cartas na qual pediu em casamento a D.^a Guilhermina de Almeida Vallim, e a resposta:

"Ilma. Exma. Sra. dona Domiciana Maria de Almeida Vallim.

Cumprimentando a V. Ex. e à sua Exma. Família, tenho a honra de apresentar-lhes os meus sinceros protestos de respeito e subida consideração.

Certo da benevolência de V. Ex. vou com franqueza expôr-lhe o motivo que me leva a dirigir-lhe estas linhas.

Aspiro a mão de sua filha, a Exma. Sra. dona Guilhermina, e acreditando ser correspondido na afeição que lhe voto, animo-me a solicitar o consentimento de V. Ex. para o nosso enlace.

Conheço perfeitamente que poucos ou nenhuns títulos tenho que me habilitam a essa pretensão; em todo o caso, dando êste passo, obedeço à uma exigência do meu coração, e tenho fé em Deus, de que saberei corresponder à confiança de V. Ex. e a de sua Família, se por ventura, d'ella me julgarem digno.

Da bondade de V. Ex. conto, que me serão dispensadas todas as desculpas por qualquer falta, em que possa com esta ter incorrido, e respeitosa-mente espero, que V. Ex. dignar-se-ha honrar-me com a sua resposta.

Dê V. Ex. muito attento, venerador e criado obrigado.

(a) João Alvares Rubião Junior
Barra Mansa, 12 de junho de 1878

—o—

RESPOSTA

"Fazenda do Resgate, 6 de julho de 1878.

Ilmo. Snr. Dr. João Alvares Rubião Junior.

Respondo e peço perdão pela demora à sua prezada carta em que V. S. pede para sua esposa minha filha Guilhermina.

Cabe-me simplesmente dizer-lhe que acolhemos com satisfação o seu honroso pedido. Os desejos que V. S. manifestou são apreciados e correspondidos por minha filha, por mim e pelos meus.

Deixa-me sem embargo ponderar-lhe que considero Guilhermina um tanto creança, mas faço de V. S. juízo tão lisonjeiro, que espero saberá guial-a com acerto no difficil caminho da vida, que juntos querem trilhar.

Quando quizer aparecer nesta sua casa dar-nos-ha muito prazer.

De V. S. Mto. Att.ta sra. ob. da Domiciana D'Almeida Vallim"

—o—

O CRENTE

Era dotado Rubião Junior de sincero espírito religioso. Assíduo frequentador, desde estudante das missas de Domingo na Abadia de S. Bento; conservou êsse hábito até o fim de sua vida e dizia sempre que, quando não assistia à missa, a semana não lhe corria bem.

Era devoto de N. Senhora da Guia de Mangaratiba e de São Bento.

Por ocasião do seu falecimento essa comunidade prestou-lhe significativa homenagem, enviando à viúva a seguinte carta:

“Exma. Senhora:

No meu e em nome de tôda a Comunidade de S. Bento envio à V. Ex. os nossos mais sentidos pesames.

O finado era para nós um amigo sincero. Sentiremos imensamente ver o lugar vazio que elle occupava todos os domingos na nossa Igreja. REQUIESCAT IN PACE!

Abade de São Bento”.

D. Miguel Kruse

—o—

RUBIAO JUNIOR E JULIO DE MESQUITA

Julio de Mesquita e Rubião Junior, não obstante de temperamentos diversos, nunca na realidade deixaram de manter uma amizade e consideração respeitosa um pelo outro.

Disse Julio de Mesquita, no Senado Paulista, por ocasião do falecimento do seu presidente, que “de todos os meus amigos pessoais era um dos mais queridos. Dos meus companheiros políticos um dos mais íntimos. Em política nunca nos separamos. Não estávamos separados nem mesmo quando a nossa separação parecia aos outros um fato evidente e incontestável. Podíamos ter, tínhamos, temperamentos divergentes, e nem sempre as mesmas idéias eram iguais; mas uma secreta simpatia nos levava, irresistivelmente, um para o outro, e, embora militássemos em campos opostos, *nos momentos graves a nossa aproximação era fatal e o nosso acôrdo completo.* Ele me acompanhava com um carinhoso interesse quase paternal. Eu orgulhava-me como filho do êxito, do brilho sempre crescente da sua carreira!”

E disse mais: “... era essencial, visceralmente bom. Teve sob o govêrno de suas mãos, por diversas vezes, as molas mais poderosas da máquina administrativa do Estado; serviçal, protegeu inúmeros necessitados; nunca perseguiu ninguém, nunca ninguém se queixou da sua iniciativa, nem podia queixar-se, pois ele não promoveu jamais a ruina ou a mais leve diminuição do bem-estar alheio!”

RUBIAO JUNIOR E RODRIGUES ALVES

Na questão financeira foi RODRIGUES ALVES defensor da politica valorizadora de nossa moeda e, nesse assunto, conseguiu reunir, dentre seus colaboradores, homens de grande intelligencia e trato nesse difficil ramo da administração pública. Na Capital da República resolvia com o Ministro BULHÕES e CUSTÓDIO COELHO, ouvindo tambem, quando se tornava necessário, a opinião

sempre clara e acertada do homem de Estado e Banqueiro RUBIÃO JUNIOR.

Na administração, Rodrigues Alves deixou traços inapagáveis de sua passagem e na política conseguiu ser eleito Presidente de Estado três vezes, e duas Presidente da República. O sucesso da sua trajetória política repousou num princípio simples e verdadeiro: soube fazer amigos e admiradores. E como o fez? Pela correção de proceder, pela lealdade para com seus amigos e correligionários e pela franqueza com que dizia o que pretendia.

Contava com seus amigos e êsses com êle nos momentos difíceis.

Rodrigues Alves nunca fez política direta. Teve bons companheiros, os quais sempre prestigiou. Dentre os inúmeros políticos que o acompanharam, manda a justiça que se ponha em relêvo o seu amigo de tôdas as horas — Senador Rubião Junior — figura do cenário político brasileiro, cuja atuação merece do historiador minucioso estudo.

Na política ambos se completavam e quando lhe apresentavam um caso a resolver, Rodrigues Alves, com aquele ar todo seu, passando a mão na barba, dizia: — “Já conversou com o Rubião?”. A afinidade de orientação do Conselheiro e do Senador Rubião Jr. era tão grande e perfeita, que não precisavam trocar idéias para resolver uma situação e o que um resolvia estava perfeitamente de acôrdo com o pensamento do outro. Era fato notável e emanava tão somente de mentalidades da mesma plana.

Em certa solução política, na qual Rodrigues Alves se achava ausente do País, e todos os da corrente contrária ao Senador Rubião Junior esperavam que o Conselheiro e seus amigos tomassem posição. Rubião Junior aguardava o momento com a tranquilidade que o acompanhou até o seu último instante na vida. Quando lhe falavam nos votos que teria de perder, sorria e nada dizia.

Poucos dias antes da convenção para a escolha do candidato, recebeu Rubião Junior a visita do filho mais velho do Conselheiro, o deputado Rodrigues Alves Filho, que lhe disse:

“Dr. Rubião, recebi carta de papai, na qual me incumbiu de dizer aos nossos amigos que seguissem a sua orientação. Aqui estou para a receber”.

Esse fato é de grande importância para se aquilatar o modo de proceder do Conselheiro e a confiança que depositava em seus amigos e como pode, à distância, sem nenhuma palavra do Senador Rubião Junior, compreender a atitude que tomou, seria a mesma que tomaria se aqui estivesse.

Mais tarde, por ocasião da sucessão de Albuquerque Lins na Presidência de São Paulo, o ambiente político paulista e brasilei-

ro se achava conturbado e ressentido ainda dos efeitos da campanha civilista que, trazendo para a luta o nome e o poder oratório de Rui Barbosa, conflagrara a mentalidade política brasileira de tal forma, que uma guerra civil poderia ser deflagrada em qualquer momento. Em São Paulo duas correntes se digladiavam: O Partido Republicano Conservador, no apoio e com o apoio do Governo Federal, e o Partido Republicano Paulista, em oposição.

A luta dos partidos em São Paulo tomou tal dimensão que estava São Paulo na iminência de intervenção federal.

Rubião Junior, com seu grande tato político, com sua diplomacia inata e homem que sabia servir a todos, conquistara fora de São Paulo grande prestígio. Em face desta situação, com o seu espírito de brasileirismo, mas que sempre servira também, São Paulo, pôs-se em contacto com as correntes federais que procuravam tomar São Paulo pelas armas. Para maior prestígio de sua causa e defesa de São Paulo, levou Rubião Junior um nome que nesse momento simbolizava o Brasil, por cujo governo trouxe para nosso país respeito internacional, por haver resolvido os problemas de fronteira, conquistando ainda, para o patrimônio nacional, o rico e futuroso Território do Acre; por ter saneado a Capital Federal, extinguindo a febre amarela e realizando ali notáveis obras e conseguindo que lá se realizasse em 1.906 o Congresso Pan Americano; cuidando também da produção brasileira, do seu progresso, com os trabalhos de viação pública; restabelecendo o crédito e a circulação das riquezas, pelo comércio que muito sofrera com a recessão de crédito e aumento dos impostos em virtude do tratamento de choque, aplicado por sugestão dos credores externos, tendo em vista o contrato de *funding-loan*.

Esse nome foi o de Rodrigues Alves, que tivera também quando presidente como seu auxiliar no comando da Escola Militar do Realengo, o Marechal Hermes da Fonseca, a quem incumbia como Presidente da República a iniciativa da intervenção nos Estados.

Rubião Junior conseguiu plenamente o seu intento, isto é o acôrdo político, por êle redigido.

A exposição de motivos dêsse acôrdo é uma radiografia da situação política e econômica daquêle momento. E vem também mostrar aos brasileiros que os paulistas com o senso de responsabilidade, conseguiram por um acôrdo, sem vencedores e sem vencidos solucionar um problema que levaria o Brasil a uma guerra fratricida. Assim é que diz:

“Para evitar que se propague ao Estado de São Paulo a agitação política que lavra em diversos pontos do País — agitação que, além de abrir uma tumultuosa e deplorável solução de continuidade romperia ,também, com prejuízos incalculáveis à

atual intensa e animadora expansão de tôdas as nossas forças econômicas — discutiu-se e firmou-se o seguinte acôrdo entre os diretores dos dois partidos em que se divide a opinião pública paulista:

1.º) — O partido Republicano Conservador não pleiteia a eleição presidencial;

2.º) — O Partido Republicano mantém a candidatura do Doutor Rodrigues Alves à Presidência do Estado e a do Dr. Carlos Guimarães, à Vice-Presidência.

Em virtude dessa renúncia o Partido Republicano Conservador terá no Parlamento aumento de seus representantes, segundo o item 3.º;

“3.º) — Nas próximas eleições federais o Partido Republicano não disputará ao Partido Republicano Conservador uma representação exatamente proporcional ao seu eleitorado”.

Como efeito de equilíbrio e respeito mútuo nos governos da União e do Estado de São Paulo, o item 4.º fixa de modo taxativo: “4.º) — O Partido Republicano apoiará todos os atos do governo do Marechal Hermes da Fonseca que não forem contrários à letra e ao espírito das leis fundamentais da União e do Estado”.

Determinando o item 5.º que: “o mesmo compromisso assume o Partido Republicano Conservador em relação ao Governo do Estado”.

O acôrdo firmado e cumprido trouxe o socego, a calma necessária para que continuasse no Estado de São Paulo, o mesmo afã de trabalhar e progredir, trazendo também para o Brasil a paz para a política paulista, cujo Estado representa no conceito dos Estados do Brasil, fator de progresso e equilíbrio necessário à vida brasileira.

Como resultado desse acôrdo, Rubião Junior cresceu em prestígio junto às correntes partidárias brasileiras. Passou a representar o papel de *leader* de tal forma ouvido e acatado que em tôdas as sérias resoluções que tomariam as correntes políticas brasileiras, era consultado.

Por ocasião da indicação de um nome para a sucessão do Marechal Hermes da Fonseca os “leaders” o consultaram, e Rubião Junior indicou o nome de Wenceslau Braz, o qual foi designado como candidato.

Não foi Rubião Junior quem mais se engrandeceu, mas sim São Paulo, que passou a ocupar posição de relêvo e de grande projeção nas decisões dos negócios da República.

O Senador Julio de Mesquita, certa ocasião em que se conversava sôbre o estado dos negócios políticos do Brasil, declarou:

"... A morte de Rubião Junior poderia ser considerada como o marco divisório do equilíbrio da política brasileira. Para êle, Rubião Junior era a força de coesão que unia as correntes partidárias de São Paulo, fazendo com que São Paulo se projetasse no seio da política brasileira como elemento indispensável ao progresso do País. Com a sua morte, rompeu-se o elo de coesão das forças partidárias brasileiras e o Brasil caminhou para a disputa política e desequilíbrio nas diretrizes dos governos que sucederam a Wenceslau Braz".

Relatou-me Dunshee de Abranches que ao escrever a biografia de Rubião Junior, lhe dissera Rodrigues Alves que Rubião Junior conquistara lugar de destaque no Partido Conservador com um discurso pronunciado num banquete ao chefe desse partido.

Sua oratória notável, os conceitos políticos emitidos impressionaram de tal forma os membros proeminentes desse Partido que, logo a seguir convidaram o orador para redator-chefe do Correio Paulistano, órgão oficial do Partido, e também para ocupar o cargo de Secretário do Partido Conservador.

Relatava também a Baroneza de Pinto Lima que em conversa na côrte sobre políticos de São Paulo, entre os quais era mencionado Rubião Junior, o Imperador considerou: "êsse moço é de muito futuro".

DE JOAO SAMPAIO TRANSCREVE ÊSTE ARTIGO SÔBRE RUBIÃO JUNIOR

Na sessão de 18 de outubro de 1915, como lider da maioria, fui à tribuna para comunicar à Câmara dos Deputados de São Paulo a morte do ilustre político e eminente cidadão sr. senador João Alvares Rubião Junior, fato acontecido na manhã desse dia e que produziu a mais profunda consternação em toda a sociedade paulista. Foram essas mesmas as minhas primeiras palavras.

Nessa pequena peça oratória, que não encheu duas páginas dos Anais daquela casa do antigo Congresso do Estado, esbocei em largos traços a figura do meu grande amigo. E hoje — à passagem do seu centenário natalício — é dali mesmo que eu quero transcrever e divulgar, para o conhecimento das gerações novas, os conceitos que externei, traduzindo, em desataviada mas sincera linguagem, o pensamento dos contemporâneos: "QUEM ERA RUBIÃO JUNIOR?"

Espírito eminentemente liberal, aberto a tôdas as idéias nobres, o querido chefe que hoje desapareceu na voragem da morte, sempre soube reunir em torno do seu nome a admiração e o respeito de todos quantos com êle tratavam. Caráter adamanti-

no, deixou êle em tôda a sua vida política o sulco luminoso da sua passagem, guiando os contemporâneos e apontando aos vindouros a estrada mais digna de ser seguida por todos quantos se dedicam à causa pública.

Afável no seu trato, atraente, cheio de bondade na sua convivência, Rubião Junior prendia à sua sedutora personalidade, por laços indestrutíveis, todos os qua tinham a felicidade de se aproximar dêle e de cultivar a sua preciosa amizade.

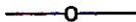
Trabalhador infatigável, de uma atividade multiforme, a tudo dispensava a sua atenção. O seu espírito de eleição viveu continuamente preocupado com as coisas do nosso país, imerso no estudo de todos os problemas de interêsse vital dêste Estado e do Brasil, que muitas vezes encontraram as mais felizes soluções nos conselhos da sua experiência e nas luzes do seu saber.

Em tôdas as posições que se lhe abriram, com a facilidade a que faziam jus os seus grandes merecimentos, a sua orientação foi sempre das mais ponderadas, das mais nobres, das mais cheias de admiráveis ensinamentos.

Espírito reto e conciliador, Rubião Junior desempenhou sempre, no mais alto cenário da nossa vida política, o papel eminentemente simpático de congregar esforços para evitar divergências, de remover dificuldades para que o partido político, de que foi um dos mais acatados orientadores, pudesse produzir, na direção dos negócios públicos, todos os belos e sazonados frutos que fazem o justo renome das administrações paulista".

Morre na hora em que ia ser elevado ao govêrno de S. Paulo. E não seria êsse, seguramente, o seu último posto, a Presidência da República teria nêle, se vivesse, um digno continuador das gloriosas trajetórias dos paulistas. Foi porisso que dissemos, da tribuna da Câmara, naquele lutuoso 18 de outubro, estas últimas palavras:

"Não é só uma perda sensibilíssima do Estado de São Paulo, que deploramos; com Rubião Junior é um estadista brasileiro que desaparece, e feneceu uma das mais caras esperanças da República".



RUBIÃO JUNIOR E ALTINO ARANTES

Altino Arantes seria o vice-presidente da chapa à sucessão do Conselheiro Rodrigues Alves, à presidência de São Paulo. Rubião Junior seria o presidente. Com a morte de Rubião Junior. Altino Arantes o substituiu para exercer a presidência de 1916 a 1920.

Seu govêrno surgiu em época difícil da história do Brasil. A primeira conflagração mundial trouxe complicações a todos os

países, apresentando problemas graves a serem resolvidos. Teve ainda a sua administração a resolver, dois problemas de monta — a geada de 1.918, e a gripe espanhola. Não obstante, na pasta da agricultura, conseguiu-se melhoria da fibra do algodão paulista e nos seus métodos de produção através dos trabalhos do Instituto Agrônômico de Campinas e da Escola Agrícola de Piraciba. Iniciou-se também a política rodoviária, com a construção da estrada São Paulo — Campinas, realizando-se também na Capital Paulista o 1.º Congresso de Estradas de Rodagem.

A solução do problema da geada com o amparo do governo federal se deu de tal forma que na liquidação do auxílio prestado, restou ainda, para o Estado e para a União, saldo ponderável na venda dos estoques de café.

Foi um governo operoso, mas sem oferecer, na ocasião, demonstração da sua eficiência, mas tarde reconhecida de tal forma, que colocou o presidente Altino Arantes entre os grandes estadistas brasileiros.

Por ocasião do Centenário do Nascimento de Rubião Junior, interpretando o pensamento de seus amigos, após traçar a ascendente vida pública do homenageado, teve as seguintes expressões:

“exemplar na sua conduta de chefe de família; honesto, operoso e irrepreensível nas suas atividades particulares de banqueiro; Rubião Junior notabilizou-se, acima de tudo pela carreira e pelo zelo — direi mesmo — na colaboração desinteressada e patriótica que ele resolvera prestar às novas instituições”.

E logo a seguir, continua: “foi secretário da Fazenda no brilhante quadriênio de Bernardino de Campos, deputado estadual e presidente da câmara dos deputados, Senador e presidente do Senado de São Paulo. Pois bem, em todos os postos que sucessivamente ocupou, o seu papél destacou-se, sempre, por incansável e relevante atuação e, invariavelmente caracterizada pela oportunidade e pela lucidez com que intervinha nos debates parlamentares; pelo escrúpulo e pelo acerto com que decidia os casos sujeitos ao seu despacho; pela lhanza e pela fidalguia de seu trato; pela prudência e pela habilidade inexcedíveis com que solucionava os mais intrincados casos partidários; pela lealdade vigilante e inquebrantável com que se devotava aos seus chefes, aos seus correligionários.

Por tudo isso, por todos êsses dotes de longanimidade, de talento e de caráter — Rubião Junior via abrir, radiante a seus passos, a estrada larga e fácil que o conduzia, por assentimento geral, à presidência do Estado — quando a morte inesperada e impiedosa veio cortar-lhe a trajetória triunfal da carreira.

Morreu quando os clarins vibrantes da madrugada já anunciavam o sol irradiante da mais legítima consagração popular.

Como vivera sem sombras, finou-se sem agonia — na plenitude da vida, da inteligência e da ação; da serenidade da alma cristã, que jamais mentiu à sua fé ou renegou seu Deus; na antevisão confortadora da apoteose com que os paulistas, na lustral aclamação das urnas, iriam aureolar-lhe o nome e reconhecer-lhe a capacidade, os méritos e o patriotismo”.



RUBIAO JUNIOR E RUBIAO MEIRA

O professor e Reitor da Universidade de São Paulo, assim se referiu à personalidade de Rubião Junior:

“Há 25 anos, na data de hoje, finou-se repentinamente, o Dr. Rubião Junior, um dos homens mais completos, na formosura moral, na bondade, no espírito e na inteligência que tenho conhecido, e com quem tenho convivido.

De uma atividade inigualável, trabalhando constantemente em vários setores, pela grandeza de São Paulo, administrando Banco, dirigindo companhias, e fazendo política elevada como sabia fazer. Seu falecimento inesperado trouxe um vácuo que a pouco e pouco se preencheu, mas não tão bem que ainda não se tenha a sensação da falta. Tinha a preocupação do trabalho e do cumprimento do dever. Na tarde da noite em que morreu, mal sarado de indisposição ligeira que o levava ao leito, sentindo-se bem, embora enfraquecido, pensando em suas atribuições no Banco Comércio e Indústria, avisou que iria na manhã seguinte a esse centro de sua atividade porque, já afastado há 72 horas, sua falta mais um dia seria sentida. Era necessária ali, dizia, sua presença. E como um raio que derruba o carvalho na floresta, a morte o jogou por terra, nessa mesma noite, não podendo realizar seu intento.

E tudo continuou, como se ele não tivesse desaparecido. Assim é a vida.

Felizes os que conservam a ilusão de que são necessários e imprescindíveis. A esses cabe o supremo consolo de tranquilidade do espírito. Mas, evidentemente Rubião Junior, embora não imprescindível, como ninguém o é, era elemento de alta cooperação em todos os ramos em que distribuía sua operosidade. Político de alta envergadura, conhecedor dos homens como nenhum outro, com rara visão dos fatos, prenunciando o que deveria acontecer, impedindo, com sagacidade rara, adventos contrários às aspirações de São Paulo, sua ausência transformou inteiramente o panorama que se mostrava em nosso Estado. Tolerante e maneiroso, dizendo sim a todos, criando somas grandes de apologistas, admirado por seus correligionários, temido e considerado por seus adversários, soube fazer políticos no sentido elevado e manter firme a direção do partido a que esteve aliado, desde a fundação da República. Era

ouvido em todos os problemas nacionais, e sua opinião acatada por todos os governos.

Na sucessão presidencial era São Paulo, por seu intermédio, quem dava o fio condutor à solução. E essa era sempre acertada, porque Rubião Junior possuía bom senso em alta dose, aliado a grande experiência das lutas partidárias. Em qualquer trecho em que exercia sua vida, o homem era o mesmo e a seu influxo deve São Paulo conquistas de alto valor.

O tempo passou. Mas seu nome, como a ação que exerceu, não é esquecido. 25 anos na vida de um Estado nada é. Inda assim, publicamente não se fala mais em Rubião Junior, mas no cérebro dos homens de seu tempo, como no coração dos que receberam a dádiva de seu ânimo generoso, sua imagem é sempre viva e exuberante de saudade infinita".

* * *

Rubião Junior desenvolveu no mais elevado grau o ideal de servir.

Serviu, com toda a pujança da sua inteligência e seu tino político a São Paulo e ao Brasil.

Serviu também, por um impulso natural do seu temperamento todos aqueles que o procuravam na solução de seus problemas. Eis porque sempre encontrou na política ou fora dela, os elementos indispensáveis para sua brilhante trajetória na vida.

Rubião Junior teve a ventura de ser sempre elemento conciliador, evitando por essa forma as lutas políticas e a guerra civil. *É justo pois, que o seu nome ingresse na História como — "RUBIÃO JUNIOR — O GRANDE CONCILIADOR".*

BIBLIOGRAFIA

- NOTA Nº 1 — JOÃO ALVARES RUBIÃO JUNIOR, SECRETÁRIO DA FAZENDA DO GOVERNO DO DR. BERNARDINO DE CAMPOS. CRONOLOGIA PAULISTA
II PARTE (do 2º volume) página 730.
- NOTA Nº 2 — DUNSHEE DE ABRANCHES.
Em Governos e Congressos da República (página 378 volume I).
- NOTA Nº 3 — GUILHERMINA VALLIM RUBIÃO, filha de Domiciana Maria de Almeida Vallim e do Com. Manoel de Aguiar Vallim. CRONOLOGIA PAULISTA — II PARTE
(2º volume — página 722 e 723)
BIBLIOTECA GENEALÓGICA BRASILEIRA
«OS ALMEIDAS — OS NOGUEIRAS DO BANANAL
Por Geraldo Cardoso de Mello — página 56.
e «A CIVILIZAÇÃO DO CAFÉ, por ALVES MOTTA SOBRINHO — página 23 e 44.
- PEDRO LUIZ PEREIRA DE SOUZA — RUBIÃO JUNIOR — «O ESTADO DE SÃO PAULO de 17-7-55.
- RUBIÃO JUNIOR e JULIO DE MESQUITA — « O ESTADO DE SÃO PAULO de 14-6-51.
- A Cigarra — 27 de Outubro de 1915 — a morte de um grande político.
JOÃO ALVARES RUBIÃO JUNIOR.